



# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**



**UFSC NA MÍDIA – CLIPPING  
23, 24 e 25 de fevereiro de 2013**

## Diário Catarinense

### Serviço

#### "Arte"

Inscrições / Semana Popular de Arte UFSC-Udesc 2013

• **Arte** - Estão abertas as inscrições de artistas para as mostras na Semana Popular de Arte UFSC/Udesc 2013. O evento é organizado por estudantes das duas universidades, com a intenção de incentivar e democratizar a produção e mostra cultural em SC. As inscrições podem ser feitas no blog [semanadeartepopular2013.wordpress.com/inscricoes/](http://semanadeartepopular2013.wordpress.com/inscricoes/).

## Diário Catarinense

### Juliana Wosgraus

#### "Ciência sem fronteiras"

Curso de Engenharia Civil da UFSC / Aluna Amanda Fabrin / Programa Ciência sem Fronteiras / University of Toronto / Canadá



### CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Aluna do curso de Engenharia Civil na UFSC, Amanda Fabrin foi aprovada no Programa Ciência sem Fronteiras, do governo federal, e embarca para o Canadá nos próximos dias. Vai se aperfeiçoar em estruturas críticas e sustentabilidade na University of Toronto, durante 16 meses. Fera e bela.

## **A Notícia**

### **Portal**

“2º semestre”

Campus da UFSC em Joinville / Início no segundo semestre de 2014 / Ministério da Educação / Recursos para ampliação

## **2º semestre**

O último prazo previa aulas no primeiro semestre do ano que vem, mas o campus da UFSC em Joinville, ao lado da BR-101 deverá entrar em funcionamento somente no segundo semestre de 2014. Mas há uma notícia melhor: o Ministério da Educação garantiu recursos para a ampliação.

## **A Notícia**

### **Portal**

“Mais grana”

UFSC / Recursos para 22 mil m<sup>2</sup> de obras / Restaurante Universitário / Centro de Eventos / Primeira fase do campus

## **Mais grana**

Hoje, a UFSC tem dinheiro para a construção de 15 mil m<sup>2</sup>. Com a nova garantia, dá para chegar a 22 mil m<sup>2</sup> e ainda fazer o restaurante universitário e o centro de eventos, entre outras obras. Essa primeira fase do campus vai consumir R\$ 60 milhões. Até 2014, as aulas continuam em espaço alugado.



Susan Sontag / Intelectuais / Roland Barthes / Walter Benjamin / Jean-Luc Godard / Burle Max / Machado de Assis / Crítica / Pensamento combativo / Professor da UFSC, Alexandre Fernandez Vaz

Cultura

# A falta que faz uma intelectual co

Susan Sontag fez da palavra escrita a expressão de um inconformismo que desconhecia fronteiras temáticas e geográficas

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ \*

**E**m 1977, respondendo ao questionário de uma revista francesa, Susan Sontag escreveu: "Os intelectuais têm a tarefa de Sísifo de continuar a encarar (e defender) um padrão de vida mental, e de discurso, que não seja o nihilista, preconizado pelos meios de comunicação de massa." Como poucos, ela levou a sério esse projeto, que a orientou por toda a vida. No dia 16 de janeiro, Sontag teria completado 80 anos, se não tivesse morrido em 28 de dezembro de 2004. Como costuma acontecer com os fatos ocorridos entre o Natal e o Ano-Novo, a morte foi discretamente anunciada. A falta que sua ausência provoca, no entanto, é notável.

Nascida em Nova York, cidade na qual passou a maior parte da vida, Sontag foi uma estadunidense com olhos para o seu país, mas também para a Europa, continente que adotou como referência intelectual e onde esteve por diversas vezes, frequentemente por períodos longos. Roland Barthes, Walter Benjamin e Jean-Luc Godard, entre outros, lhe foram modelos de crítica e expressão. Não por acaso, imagem e palavra se combinaram de forma singular em sua obra, de forma que o interesse pela fotografia, pelo cinema e pela literatura a acompanhou até a morte. Foi assim também com o Brasil, país em que seus livros ganharam importante divulgação e que visitou mais de uma vez, chegando a nele projetar a realização de uma ópera em parceria com o paisagista Burle Marx. Ao seu maior escritor, Machado de Assis, dedicou um belo ensaio que apareceu como prefácio de uma edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro que considerou uma "influência retrospectiva".

Intelectual de múltiplos recursos, escritora prolífica que parece ter se interessado por tudo o que era possível, Sontag encontrou no ensaio sua forma privilegiada de expressão, ainda que tenha dito que seriam os poucos romances aquilo que mais lhe agradara em sua vasta produção, que incluiu contos, diários, textos para teatro, entrevistas, filmes. Combinando valor estético e decisão política, fez da palavra um exercício de crítica e intervenção, o que a fez abordar uma profusão de assuntos com





# mbativa



uma alta dose de inconformismo em relação à injustiça e à hesitação. Destemida, parecia não ter fronteiras ao visitar Hanói em solidariedade aos vietcongues, em plena guerra que seu país travava com o Vietnã e ao montar Beckett em uma Sarajevo destruída e sitiada pelos sérvios. O mesmo espírito mostrou ao não recuar frente a polêmicas importantes, como as com Camille Paglia e Jean Baudrillard, ou ainda ao recusar qualquer simplificação analítica sobre as ações dos Estados Unidos no Oriente Médio, principalmente depois dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Sontag foi severa crítica não apenas do governo Bush e de sua cruzada pseudorreligiosa, marcada pela guerra sem fim como prevenção contra o demoníaco, mas, ao longo de toda sua vida, à posição cultural, bélica e política dos EUA e de boa parte de seus habitantes frente ao mundo.

Um exemplo dessa potência política é sua interpretação das imagens de internos sendo torturados e humilhados na prisão de Abu Ghraib, onde muitos chegaram sem processo jurídico formal e sem o reconhecimento de que eram prisioneiros de guerra, que foram para ela decisivas. Em tempos em que tudo pode ser documentado para a posteridade e transmitido em tempo real, soldados fotografaram prisioneiros transformados em objetos da própria excitação sádica. As imagens correram o mundo e o governo do país invasor fez questão de dizer que elas eram abomináveis, esquecendo-se de que o que era intolerável é o que elas representavam, os fatos concretos que perpetuavam. Não foi por casualidade que a preocupação de muitos tenha sido não o que aconteceu, mas que fotografias houvessem sido feitas e fossem divulgadas. Restaria ainda saber, nos processos de anestesia a que todos somos submetidos pela cultura do espetáculo e do culto à brutalidade, o quanto as imagens de Abu Ghraib, como marcas de nosso tempo, não se inspiram, como sugere Sontag, na simples pornografia disponível na internet.

As imagens que fazem a memória são compostas também pelas metáforas, que Sontag encontrou ao estudar três enfermidades fortemente representativas do imaginário da modernidade mais recente. Tuberculose, câncer e Aids foram pensadas como metáforas e podem ser vistas como tais, mas, assim como as fotos que documentam não são a realidade, a doença, diz ela, não é uma metáfora. Romântica, desgovernada, punitiva, cada uma delas foi responsável por dizimar uma legião de artistas e pessoas comuns, assim como aconteceu com a própria Sontag, vítima de uma recidiva de câncer. Para além dos dois grandes ensaios sobre o tema (*Doença como Metáfora* e *Aids e suas Metáforas*), ela encontrou a narrativa ficcional para bem expressar e elaborar a encruzilhada da Aids no breve *Assim Vivemos Agora*, lindamente traduzido para o português por Caio Fernando Abreu.

Recentemente, depois dos ensaios e conferências restantes de seu espólio, têm vindo a público os diários pessoais de Sontag. Eles são muito elucidativos para quem quer acompanhar o desenvolvimento de uma vida dedicada a pensar de forma combativa, inclusive em tensão consigo mesma. São notas de todo tipo, em que a menina prodigiosa que encontrava nos livros refúgio à inadequação familiar vai se revelando em um pensamento pleno de sangue e desejo, como alude o subtítulo do segundo e último volume até agora publicado. Não poderia ela, então, deixar de escrever, em meio a notações intelectuais e a listas de tarefas autoimpostas, também sobre afetos e desencontros. Como sempre, a inteligência incomparável se fez presente, desta vez para permitir uma referência à mulher desejada: "Para mim, amar alguém é lhe dar apoio, respaldá-la mesmo nas suas mentiras." O mundo ficou bem pior ao não permitir que Susan Sontag completasse seus 80 anos.

\* professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador do CNPq



Florianópolis / Edificações que possuem obras de arte / Professor de Arquitetura da UFSC, Cesar Floriano dos Santos / Grupo de Estudos de Arte Pública do Brasil – GEAP / Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano – SMDU / João Otávio Neves Filho, o Janga / Lei municipal / Associação Catarinense de Artistas Plásticos – ACAP / Comissão Municipal de Arte Pública – Comap / Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – IpuF / Arquiteto Roberto Rita / Caio Borges / Nelson Teixeira / Rodrigo de Haro / Sílvio Pleticos / Vera Sabino / Elias Andrade / Paulo Gaiad / Lena Costa / Teixeira Neto

Reportagem Especial

# ESPAÇO URBANO Arte para a

Nas calçadas ou fachadas, muitas edificações na Capital têm obras de arte em seus projetos paisagísticos

AMELIE SALVAGNI

**B**asta olhar com um pouco mais de cuidado para os prédios espalhados pelas ruas de Florianópolis para perceber que é grande o número de edificações que possuem obras de arte em suas fachadas.

Um empreendimento que será lançado no mês que vem – com previsão de entrega para 2016 – utiliza a arte como conceito. O hall do edifício residencial que será construído no Centro vai contar com uma galeria com obras de 10 artistas da região da Grande Florianópolis. O espaço não ficará aberto ao público, mas uma parede de vidro deixará os trabalhos à mostra para quem passar pela rua.

– A ideia é valorizar a arte local e disponibilizá-la para pessoas que moram e que não moram no prédio – explica o diretor do Grupo Dumas, Fabrício Schweitzer.

Atualmente, o tema é um dos principais no que diz respeito ao desenho urbano, de acordo com o professor de arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e fundador do Grupo de Estudos de Arte Pública do Brasil (GEAP), Cesar Floriano dos Santos. Hoje uma retomada de inserção de obras de arte nas cidades a partir da década de 1960.

## Cidade de Barcelona é referência mundial

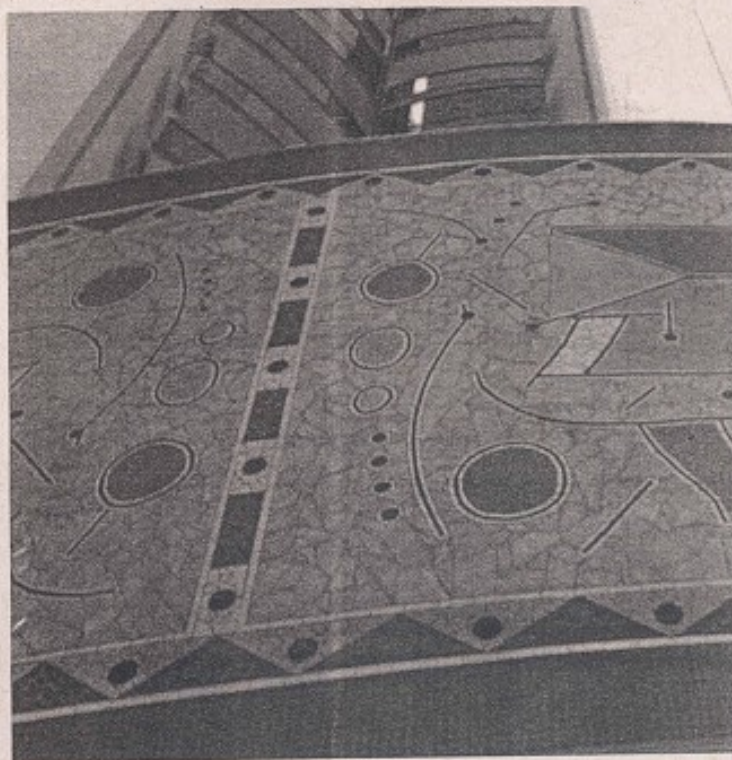
– Entendemos a arte pública dentro de um campo expandido. Monumentos, jardins, esculturas, painéis, grafites, instalações, mobiliários urbanos com autoria e novas tecnologias, como projeções de luzes, fazem parte deste conceito – explica.

Este tipo de legislação surgiu na Europa, depois da Segunda Guerra, quando toda a edificação pública deveria dispor de 2% do valor previsto para a inserção de uma obra de arte. Segundo o professor, esta prática se alastrou pelo mundo e é amplamente aplicada nos Estados Unidos.

– No Brasil, existem leis como esta em várias cidades, como Porto Alegre, Vitória e Camboriú. Recife, por exemplo, obriga todos os edifícios a inserirem arte nos seus projetos – afirma Cesar Floriano.

O professor da UFSC, que atualmente atua como secretário adjunto da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (SMDU), defende a abertura de concursos para a seleção de trabalhos a serem expostos.

– No mundo, temos a cidade de Barcelona, na Espanha, como referência. Lá, além dos concursos, existem curadorias específicas para a arte pública.



## Lei incentiva inserção de obras

A Capital estimula a implantação de obras de arte em edificações desde 1989, com a criação de uma lei específica. João Otávio Neves Filho, mais conhecido como Janga, tem 22 obras em prédios na Grande Florianópolis e foi um dos responsáveis pela criação da lei na Capital na época em que presidiu a Associação Catarinense dos Artistas Plásticos (Acap).

– A lei teve dois objetivos, aumentar o mercado de trabalho e, como pouca

gente entra em galeria, a ideia era colocar a arte na rua, em contato com o público. Essa sempre foi uma obsessão minha.

De acordo com a Coordenadora da Comissão Municipal de Arte Pública (Comap), vinculada ao Instituto de Planejamento Urbano (IpuF), Lú Feres, há 230 edificações com arte na cidade, catalogadas desde 1991.

– Podemos dizer que há um grande museu a céu aberto na cidade – diz.

No ano passado, a Comap publicou uma cartilha em seu site onde consta um histórico da legislação e como artistas que desejam ter seus trabalhos instalados em obras podem se inscrever.

Além disso, há um projeto aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura para um livro com informações e fotos das obras espalhadas pela cidade. A Comap aguarda a confirmação do patrocinador para iniciar o projeto até julho deste ano.



# cidade

Artista plástico Janga tem 22 obras espalhadas em prédios da Grande Florianópolis

FOTO: GUSTAVO



Empreendimento residencial contará com galeria de arte e obras de 10 artistas da cidade

Janga

## Galeria será vista da rua

O projeto do arquiteto Roberto Rita para o empreendimento do Grupo Dimas engloba quatro tipos de expressões artísticas: fotografia, pintura, escultura e arquitetura.

Além da galeria que será instalada no hall, conta ainda com uma escultura de Paulo Galad na fachada e fotografias expostas em uma área reservada do edifício.

Com a obra que será instalada fora do condomínio, a construtora beneficiou-se da lei municipal que estimula a implantação de obras de arte em edificações (sobra mais no box), mas os trabalhos artísticos adquiridos para o hall são um investimento espontâneo da construtora.

O intuito é criar uma provocação para moradores e pedestres, fazendo com que tenham contato diário com elementos artísticos e envolva os artistas em um projeto diferente e traz-los ao público – conta o arquiteto.

Mesmo antes da entrega do imóvel, prevista para 2016, as obras já poderão ser visitadas pelo público. Elas ficarão expostas no showroom de vendas que a construtora pretende inaugurar nos próximos meses no Centro. Depois, o espaço será disponibilizado para exposições, reuniões e eventos dos artistas participantes do projeto.

### Artistas escolhidos moram na Capital

A proposta é harmonizar o espaço. A pessoa não precisa ir lá só por que foi comprar um apartamento. Haverá outras atividades e a ideia é que este espaço seja um ponto de encontro para o meio artístico da cidade – conta o diretor do Grupo Dimas, Fabrício Schweitzer.

Entre os participantes, estão Caio Borges, Nelson Teixeira, Rodrigo de Haro, Sílvio Pleticos e Vera Sabino. Os critérios para escolhê-los é que fossem artistas que vivem atualmente em Florianópolis e que tivessem um trabalho consistente, com atualizações e inovações.

Algumas obras foram compradas e outras feitas por encomenda especialmente para a galeria do edifício.



Caio Borges



Elias Andrade



Paulo Galad



Lena Costa



Teixeira Neto

### O que diz a lei

A lei prevê que edificações com mais de 2 mil m<sup>2</sup> com obras de artistas expostas tenham direito a 2% a mais de aproveitamento da área construída.

Os artistas devem ser da Grande Florianópolis ou viverem na região e possuírem um trabalho consistente. Todas as obras são submetidas à aprovação da Comissão de Arte Pública da Florianópolis (Comap).

# 230

prédios com obras de arte em Florianópolis

Mais informações: <http://clic.sc.br/#h3decomap>

## Diário Catarinense – Sérgio da Costa Ramos

“Agora vai?”

Diário Oficial do Estado / Deputado Marcos Vieira / Reversão de área doada à UFSC /  
Administração municipal / Rua Antônio Edu Vieira / Projeto para duplicação da via

### Agora vai?

Publicada no *Diário Oficial do Estado* de 28/1, a lei 15.976, de autoria do deputado Marcos Vieira, reverte parcialmente área doada à UFSC em 2004, fazendo retornar ao domínio da administração municipal cerca de 20 mil m<sup>2</sup> à margem da Rua Antônio Edu Vieira, importante via pública e elo entre a Beira-Mar Norte e a Via Expressa Sul.

A prefeitura já pode pensar num projeto para duplicar a via, que havia se transformado numa espécie de símbolo da intransigência da universidade, que ganhou a área, mas demonstrava ser sovina com a própria cidade que a abriga em seu regaço.

## Notícias do Dia – Paulo Alceu

“Lamentável”

Hospital Universitário / Melhor para trabalhar / Caos dos hospitais públicos da Grande Florianópolis

### Lamentável

Durante um jantar, um médico frisou que o Hospital Universitário na Capital é o melhor para trabalhar.

Logo foi contestado, pois a maioria destacou a ausência de material e muitas vezes de equipamento e condições de trabalho. O médico rebateu: disse melhor comparado com o caos dos hospitais públicos da Grande Florianópolis. Ou seja, estamos na condição do menos pior. Vergonhoso.

## Notícias do Dia – Paulo Alceu

“Sem erro”

Mestre em Computação, Mirella Notare / Professor da UFSC / Equipamento para facilitar a “paquera”

### Sem erro

Não é que a mestre em computação, Mirella Notare, está desenvolvendo um equipamento junto com um professor da Universidade Federal de Santa Catarina para facilitar a “paquera.” Ela diz que não tem erro. É só direcionar o dispositivo para a pessoa interessada para saber se ela está disponível e desejando aproximações. É a cibernética a serviço do relacionamento humano. Lançamento em breve.



“A escola deve ser amparada pelo Estado para falar sobre ataques”

Ataques a veículos e bases da polícia em Santa Catarina / Núcleo Vida e Cuidado da UFSC / Pedagoga Patrícia de Moraes Lima / Violência no ambiente escolar / Segurança pública / Secretaria de Estado da Educação / Secretaria Regional da Grande Florianópolis

ENTREVISTA Patrícia Moraes de Lima Pedagoga

## “A escola deve ser amparada pelo Estado para falar sobre ataques”

GABRIELLE BITTELBRUN

Ataques a veículos e bases da polícia em todo o Estado, desde o dia 30 de janeiro, chegaram às crianças e adolescentes, causando insegurança também nas salas de aula. A pedagoga e coordenadora do Núcleo Vida e Cuidado da Universidade Federal de Santa Catarina, Patrícia de Moraes Lima, 42 anos, que tem entre os objetos de pesquisa a violência no ambiente escolar, aponta alternativas para se trabalhar com estudantes nas escolas o contexto atual da onda de violência e como manter os jovens fora da criminalidade. Em entrevista ao Diário Catarinense, a especialista analisa a situação nas instituições de ensino e cobra práticas do Estado no que diz respeito à Educação.

gabrielle.bittelbrun@diario.com.br

**Diário Catarinense – Como a professora analisa a situação atual nas escolas?**

**Patrícia Lima** – Há um clima de insegurança. Tive a oportunidade de estar em uma escola estadual e vi os pais falando no assunto. Acho que está deflagrada uma situação para se discutir a questão da Segurança Pública. Não há como pensar que uma política estatal de Segurança não acesse outras, como a de Educação. Isso vem atingindo as escolas, as crianças. É o exemplo da importância da integração das políticas no Estado. Essa questão da segurança nos afetou e é um ponto bastante frágil em SC de modo geral. Indicaria que o Estado estivesse próximo das pessoas para poder dialogar, discutir estratégias e formas de participação na elaboração de políticas públicas.

**DC – Quais podem ser as consequências às crianças e adolescentes com esses ataques nas ruas?**

**Patrícia** – A insegurança vai ser traduzida pelas crianças a partir da forma que o adulto próximo vai processar esse cenário de transitar pelas ruas, nos ônibus. Elas terão essas referências. Ainda assim, a própria experiência da infância talvez não incorpore todo esse sentimento do adulto. Eles não têm a real noção dos riscos.

**DC – Qual é o papel da escola nesse processo?**

**Patrícia** – O papel da escola é fundamental para traduzir, com certa



BRUNO ARAÚJO/ARQUIVO PESSOAL

Patrícia é especialista em violência no ambiente escolar

tranquilidade, o que ocorre. Mas a escola deve ser amparada pelo Estado para falar sobre ataques. Por si só, ela não pode responder às crianças e isso nem é função dela. É função da escola responder às crianças amparadas por uma política de Estado. Os educadores não podem se responsabilizar sozinhos. Essa não é uma questão da Educação.

**DC – Como isso poderia ser feito?**

**Patrícia** – A partir de uma medida do Estado, os educadores, coordenadores pedagógicos e diretores seriam subsidiados com formas de comunicar às crianças, aos adolescentes e às famílias as práticas, as ações que o Estado entende como necessário. O Estado deve discutir isso. As aulas estão começando e elas precisam retornar com clima de segurança.

**DC – Como deve ser o comportamento dos pais para explicar o que está acontecendo?**

**Patrícia** – O pai precisa estar bem atento, com cuidados mais gerais em relação à forma que está sendo garantida a segurança na cidade, no transporte. Precisa acompanhar, saber onde o filho está indo, como vai se deslocar e explicar o que está acontecendo. Há uma questão social sendo vivida e ela não vai ser resolvida de uma hora para outra.

**DC – No atual contexto, crianças e adolescentes podem ter uma mudança de comportamento, como medo e ansiedade?**

**Patrícia** – Podem apresentar isso sim, vai depender muito de como a família vai traduzir esse sentimento dos seus filhos e de como a escola vai atuar. Isso só pode ocorrer a partir de orientações mais gerais do Estado. Enquanto não escutarmos dele as medidas que estão sendo tomadas, a gente só ouve os acontecimentos.

**DC – A curto prazo, teria alguma coisa para que os professores poderiam fazer?**

**Patrícia** – A única coisa é que eles precisariam conhecer são as orientações mais gerais, para que não fique um professor falando uma coisa e outro dizendo algo diferente. Quais são as orientações para lidarmos, como educadores, com essas questões? A educação está sendo atingida por isso, mas não é responsabilidade dos professores.

**DC – De que maneira a educação é atingida por esses ataques?**

**Patrícia** – Pelas faltas em sala de maneira direta. Os alunos não vão por motivos como insegurança e medo. Todas as pessoas estão vivendo isso.

**DC – Será possível a situação ficar normalizada e os alunos superarem isso?**

**Patrícia** – Sim, quando tivermos respostas. Essa manifestação, com a queima de ônibus, é um comportamento social que denuncia a falta de uma política pública. À medida em que se tem a estruturação desse diálogo, as respostas serão outras.

### Contraponto

A respeito da sugestão da professora de uma orientação geral por parte do Estado para as escolas, relacionada à temática dos ataques, a Secretaria de Estado da Educação informa que desde 2009 desenvolve um programa de prevenção de violência nas instituições e junto à comunidade. Ficaria a cargo desse Núcleo de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências nas Escolas, com diretrizes comuns para todo o Estado, o acompanhamento rotineiro da temática. O assunto também pode entrar na pauta da reunião com os gerentes de educação, prevista para o próximo mês.

Já a Secretaria Regional da Grande Florianópolis relata que os diretores foram orientados a tomarem decisões conforme a necessidade e realidade em cada escola.



## A Notícia - Joinville

"Educação: Sem fronteiras para joinvilense"

Rafael Carlos dos Santos / Curso de Odontologia da UFSC / Programa Ciência Sem Fronteiras / Universidade de Glasgow, na Escócia

### Educação

# Sem fronteiras para joinvilense

Rapaz, que estudou em escola pública, faz especialização em Glasgow, na Escócia

ROGÉRIO KREIDLLOW  
rogerio.kreidlow@an.com.br

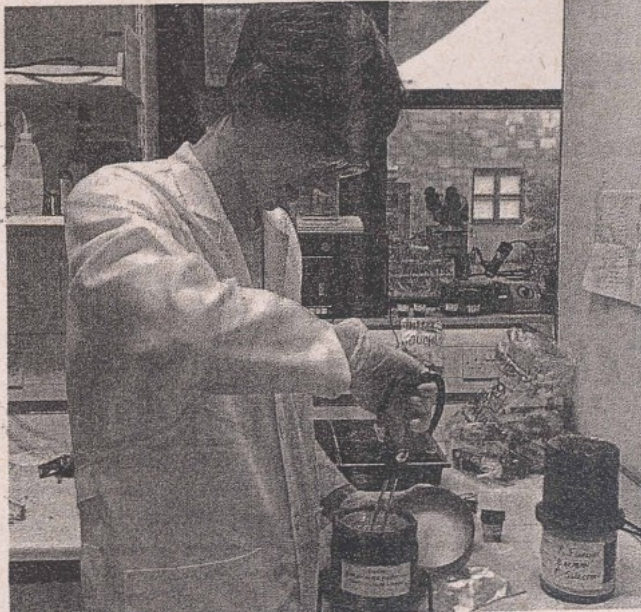
A história do joinvilense Rafael Carlos dos Santos, de 22 anos, é uma daquelas que vale a pena ser contada pela lição de perseverança e busca pela realização de sonhos. O rapaz, filho de uma funcionária de loja e de um motorista de caminhão do Iritirú e aluno de escola pública, conseguiu passar para o curso de odontologia da UFSC e hoje, graças ao programa Ciência Sem Fronteiras, do governo federal, especializa-se em um dos campos mais promissores da área da saúde – a biologia molecular – na Universidade de Glasgow, Escócia.

Rafael jamais imaginava que um dia iria viajar ao exterior para descobrir a paixão pela pesquisa. Foi menor aprendiz desde os 15 anos em uma loja de móveis.

Trabalhou na Apae e em uma indústria da cidade. Até se dar conta que não fazia nada do que gostava. Em julho de 2009, pediu demissão, pegou um dinheiro que havia juntado e decidiu investir em odontologia por gostar de áreas afins com saúde e biologia.

Fez um cursinho, inscreveu-se como cotista de escola pública na UFSC e acabou entrando na universidade em 2010, como o segundo melhor colocado nessa categoria. Lá, conta que ampliou horizontes. "Vi como quem vem da escola pública sofre com deficiências, que têm que ser superadas com esforço", lembra.

A possibilidade de desenvolver pesquisa, fazer ciência, começou a chamar sua atenção. No ano passado, Rafael teve contato com o Ciências Sem Fronteira, fez um curso de inglês que a mãe pagou com suor e embarcou à Escócia. No país, onde fica até setembro, conheceu pessoas de outros países, aperfeiçoou o inglês e hoje até compete em provas de remo. "A universidade tem 500 anos. Aqui, se pensa o desenvolvimento do aluno como um todo", assinala.



ARQUIVO PESSOAL, RAFAEL CARLOS DOS SANTOS

### SAIBA MAIS

Os próximos sonhos de Rafael são concluir a especialização, formar-se na UFSC e conciliar atividade prática na odontologia com pesquisa científica, mas já de olho em uma meta maior: tentar pós-graduação em biologia molecular na Universidade de Michigan, nos EUA, uma das referências mundiais no assunto.

### ESTUDO E PERSISTÊNCIA

Curiosidade em pesquisar, ir atrás e se arriscar em coisas novas são segredos de Rafael

### O PROGRAMA

■ O Ciências Sem Fronteira oferece a chance a alunos de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) de fazerem intercâmbio em universidade do exterior. O objetivo é desenvolver experiências em ciência, tecnologia e inovação, como biotecnologia. Rafael, por exemplo, lida com pesquisa de ponta – que envolvem células tronco no tratamento dentário – e conta que acabou encontrando uma paixão: a vida no laboratório, a possibilidade de investigar e desenvolver conhecimento além daquilo que um dentista faz.

### COMO PARTICIPAR

■ Entre no site do programa – [www.cienciasemfronteiras.gov.br](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br).  
■ Nele, são divulgados cursos e instituições em que o aluno pode se inscrever em todo o mundo.

### O QUE OFERECE

- Bolsa de estudo que variam de 870 a 2,3 mil dólares, dependendo do nível do curso.
- Auxílio-instalação (para moradia)
- Passagens aéreas, seguro saúde.
- Permanência de 12 ou de 15 meses.

### O QUE É PRECISO

■ Ser brasileiro, estar matriculado no ensino superior no Brasil nas áreas abrangidas pelo programa, ter tido, no mínimo, 600 pontos no Enem, ter bom desempenho na faculdade e ter cursado pelo menos 20% do curso. Alunos que têm prêmios em olimpíadas científicas ou que contam com bolsa de iniciação científica têm preferência na escolha.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.



# CLIPPING DIGITAL

**Clipping dia 23/02/13**

[Gariba se reúne com secretário da Defesa Civil para falar sobre prioridades](#)

[Hoje tem a final do 1º Circuito de Verão](#)

[HruschkaBikes realiza final do Circuito](#)

[Catarinense vence prêmio da Google com aplicativo sobre nível de rio](#)

**Clipping dia 25/02/13**

[Professora Cláudia Silveira explica quatro obras da lista de livros da UFSC](#)